

A clareira dos mortos (1)

Ficaram na Caama, em 24 de Dezembro, as forças de Roçadas que continua esperando o avanço alemão sobre o planalto. Mas a Caama não se presta a uma defesa em termos. Ele deixa ali, apenas, o 2.º esquadrão de dragões que será mais tarde reforçado por uma companhia de infantaria 14. O resto das forças vai concentrar-se no Tchipepe e nos Gambos, ficando, aqui, o Quartel General.

A nova da rebelião do gentio chega. Mas dos alemães nada se sabe. Uma força de dragões desce até ao Humbe. Regressa sem ser hostilizada. Em 30 um pelotão de dragões, com alguns auxiliares brancos, volta, sob o comando do 1.º sargento António Rodrigues que consegue entrar no forte e é vítima duma cilada do gentio. Ao fim de uma hora de combate violento e desigual, mortos o comandante e 44 praças, o 2.º sargento Manuel Dias consegue retirar sob fogo, perseguido até Bela-Bela.

Nos Gambos está já o batalhão de marinha e o esquadrão de cavalaria 9. Eram necessárias informações sobre o alemão. Continuam chegando estropiados, escapos do massacre, retardatários de depois da Caama. «Cada um conta a seu modo a odisseia dos seus sacrifícios», enquanto, em barracas de palha, baixas e compridas, agonizam outros, ardendo em febre, sem quinino, sem água e sem víveres. O comando procura, consegue aos poucos, melhorar aquela desordem dolorosa. Roçadas supõe o alemão ameaçado pelas tropas da União-Sul-Africana, obrigado talvez a retirar para o norte, sobre o nosso território. Manda proceder aos reconhecimentos necessários para fazer face à eventualidade duma invasão nestas condições. E para saber de Franck e das tropas da Damára, ordena um reconhecimento de Otchinjau ao Cunene ou até onde seja possível. O alferes de cavalaria 9, João Sarmento Pimentel, parte levando consigo os três melhores soldados e cavalos do pelotão que comanda e seis boers com o velho chefe Andris Alberts, «homem de 60 anos, conhecendo o sul de Angola, como nós conhecemos a nossa própria terra e dominando os seus concidadãos pelo direito de vida e de morte». Todos são exímios caçadores, magníficos cavaleiros, homens treinados na guerra com os pretos, as feras e os ingleses...

Durante seis dias, evitando todas as libatas indígenas ou os caminhos percorridos pelo gentio, seguem um apertado vale entre montes elevados e pedregosos, sem água,—só duas vezes a encontram nesses seis dias,—até à fonte dos Pássaros. Os boers, mal a água falta, deixam de comer. Uma pedra na boca ilude-lhes a sede e a fome, e marcham, de noite principalmente, como rastreassem caça grossa, em fila indiana, silenciosos, bordejando montes ásperos, matos espessos...

«Na Fonte dos Pássaros, última *etapa* antes do Rio Bambozema, a água era escura, lodosa com vestígios de nela se banharem os elefantes. Em volta das cacimbas a vegetação assombra, verde e profunda, espessa de árvores disformes e seculares. Os *ratos-palmeiras*, de cauda em pluma e olhar vivo e engraçado, vão de ramo em ramo, brincalhões, assustando os *cardiais* de peito vermelho e cabecita preta, fazendo

voar as rolas, os galos do mato, as *viúvas* com peito de carriça e cauda de dois palmos...

Em volta da fogueira sobre cujas brasas uma perna de olondo (antilope), temperada com toucinho de cavalo marinho e sal,—se transforma num apetecível petisco («digno do João Magrinho em dia de passagem de acto») — refeitos os cavalos das longas sêdes, refastelados no verde capim que abunda, o velho Andris evoca as caçadas e as campanhas da sua vida, como um patriarca.

«A caça grossa, o preto, o inglês, havia para cada um, um processo diferente». «Ia-se no rasto dos elefantes, dias seguidos, esperavam-se junto dos bebedouros forçados, ou dispunham-se armadilhas no terreno, à maneira cafre... Nunca errar o tiro, ir sempre contra o vento, montar cavalo ensinado, era a melhor segurança. Os pretos êsses são estúpidos, correm agachados dum lado para o outro e, se a gente lhes berra, levantam-se e param. E' nessa altura, dizia, que se deve atirar. Quasi nunca falha a pontaria. A caça era também assim... Com os brancos, porém, a coisa era mais séria...

Andris calava-se momentos, fumando, evocando as repetidas campanhas, as guerrilhas de outrora contra o invasor... «Com os brancos era preciso abandonar os caminhos, aproveitar todos os acidentes do terreno, esconder-se, deixar passar... E atacar pela retaguarda, de emboscada, visando os chefes...

A noite caía, espessava-se nos recessos da folhagem estuante... No céu sereníssimo pontoavam estrelas, boiava o Cruzeiro. E, como a noite vinha, desfez-se o acampamento, iniciou-se, de novo, com tristeza, a marcha. A noite apertava-se em volta e sobre a fila silenciosa, entre fantasmas, figuras ciclópicas erguidas da terra, silhuetadas na espessura que o luar pálido sinistramente alumia. O ruído da selva, infatigável, na imensa noite, pesava como um silêncio trágico, era a voz do vasto silêncio da noite africana. De vez em quando uma fuga súbita cortava a noite, rumorejando por entre o mato. No céu, lentamente, mudavam-se as estrelas.

O ar arrefecia e, para nascente, morriam as constelações no céu mais claro. Tiritava-se de frio...

Fez-se uma paragem, o fogo brilhou sobre a relva húmida... Depois largou-se de novo e todo o dia se marchou até à margem do rio Bambozema. Para a frente era o Cunene e, no horizonte, ao fundo, recortava-se já a escura silhueta das montanhas da Dámara.

A patrulha aproxima-se cautelosamente do Cunene. O vau do Schwartz-boy é largo, de fácil passagem, dominado, na margem esquerda, por pequenas elevações que são as faldas das montanhas zebradas. Sarmento Pimentel observa o ter-

(1) Foi este capítulo escrito sobre os dados carinhosamente cedidos pelo meu bravo camarada Capitão Sarmento Pimentel. Reproduzo muitos períodos seus. E aqui lhe deixo o protesto da minha amizade e admiração.

reno, percorre, com o seu Zeiss, a margem fronteira. Num ponto, uma mancha branca parece uma canhoneira ou posição de metralhadora. Aquêlê vai é passagem forçada para o Caôco, para a Dámara. E' natural que o alemão o tenha ocupado, dispondo-se a travar o caminho para o sul. Mas o terreno está deserto... Descem até à foz do rio Ondoto e é a mesma solidão invariável!...

«Os viveres tinham-se acabado, como a ração dos cavalos. Comeríamos caça, fruta do mato... O sal não faltava... As montanhas zebradas davam, a distância, a impressão de que alguém estendera, a toda a sua altura, tiras de linho, como nos lameiros do norte para corar o pano da terra. Um monte altíssimo, de forma cônica, erguia as suas listas brancas e negras, quási a perder-se nas nuvens. Hora de sol poente. O aspecto da paisagem deslumbrava e encantava. No silencio magnífico, rebanhos de pequenos antilopes, serenamente, bebiam no Cunene, as garças e os patos esvoaçavam muito baixo, vinham, em mansos vôos, poisar nos canaviais das margens. A montanha escurcia, cortada a prumo, numa garganta que se abria quási ao nível do vale.»

*

Caiã tem duas palhotas em forma de casa que serviram para as pesquisas de ouro. Ali há muitos filões de quartzo aurífero que os boers dizem prolongar-se até Cassinga, tão pobres, porém, que não valem a pena da exploração.

Já ao longe sôa um ruído como de mar quebrando... No horizonte, a nascente, ergue-se como um nevoeiro. São as cataratas de Ruacanã. «O caminho é áspero e pedregoso, por entre o mato espesso, com espinheiros e unhas de gato que rasgam a roupa e ferem.» Ao fim de duas horas chega-se à grande queda.

«O Cunene, com quinhentos metros de largura despeinha-se de um monte à altura de setenta. Parece que perdeu o leito e veio por ali abaixo, num giganteo tumulto, para se lançar bruscamente no abismo, dum monte a outro monte, e fugir aterrado, desfeito em alvuras de espuma, lá no fundo, entre dois monstruosos rochedos que a sua fúria scindiu, cortou ao meio... Para montante, entre os saltos sucessivos, há ilhotas e canais em que a vegetação triunfa, se debruça, espalha sombra e encanto. Sobre os penedos alvos taças de água cristalina, como pequenos lagos, com peixes agitando-se no límpido fundo». De ilhota em ilhota de um penedo a outro, árvores caídas são como pontes para os faunos passar. No rochedo a água cavou galerias sôneas. E nos canais mais estreitos, abobadados de verdura espessa, a sombra, a água, a frescura deslisam como através das naves extasiadas duma estranha, bárbara cate-dral.

«Tudo é luxuriante, selvagem, primitivo. Fetos, como árvores, erguem-se ao céu, outros cobrem as margens e as ilhotas... Palmeiras de todas as variedades. avencas lindíssimas, trepadeiras, cipós como serpentes, enlaçam o corpo torturado, dantesco, das grandes árvores... As plantas aquáticas, como lençoes verdes, vão por sobre a água, parecem imobilizá-la...».

Vista de jusanate a catarata é um açude grandioso, lançando um arco monumental, argênteo, sob o qual quási se passa livremente. Na rampa quási a prumo, há outras pequenas cataratas e grutas donde a água salta em cachoeiras.

«Ali são os fetos e avencas mais verdes, o musgo cobre os rochedos, os limos tombam como grandes pingentes esmeraldinos.» O ar atrôa da queda formidável. E, á beira abismo, ameaçando, hesitantes, angustiados, penedos enormes que as águas escavaram pela base, vão precipitar-se,

tomados de loucura, ao desvairado exemplo. Em baixo a névoa, a espuma, o espírito da água espectraliza a luz solar, desdobram-se arco-íris, e a água desce, já menos tumultuosa, ferida e louca ainda, larga súbitos reflexos cristalinos, foge, esconde-se, espraia-se, parece repousar momentos. Nos pequenos lagos, entre os rochedos gastos e suaves, a água repouisa... «Entre eles há um maior e mais profundo, cheio de água clara, com os peixes movendo-se na transparência impassível, mas escuros como carpas, outros pintalgados como trutas e escalos. E em volta, afeitos ao espectáculo temeroso, quási ignorantes do homem, os antilopes, pequenos como lebres (Bambis), corpulentos como bois (Gunga), as zebras, os hipopótamos, os bois selvagens, as avestruzes, as girafas, aves de rapina, garças, aves do paraíso, toda a fauna dos trópicos, em sua pujança e fôrça...

«Na época das chuvas os rios do sul de Angola são largos, profundos, torrenciais. No tempo sêco, porém, os grandes rios ou são estradas de areia sem pinga de água, ou, quando muito, fundões de água estagnada e lodosa. O rio Cunene não faz excepção, sêca como os outros e, em anos de maior estiagem, pode-se passar a pé em alguns vãos. Então a grande catarata perde a sua fôrça, cala o ensurdecedor ruído, transformada em pequenas goteiras de água cristalina ou numa toalha de água marcando a inclinação do açude. — Ali também não havia alemães. Nós assinalamos duma forma visível a nossa passagem. E numa pedra alta, bem enraizada na margem esquerda, a montante da catarata, gravamos cuidadosa, amoravelmente, uma palavra apenas — Portugal.»

*

«Depois subimos a margem direita do Cunene, sempre deserta... E, dois dias gastos, avistamos os morros do Caloeque... Era já o teatro de inúmeras tragédias que a Pátria ignora e os governantes ocultam para que, aos escapados milagrosamente, se possa regatear, mais tarde, o pão dos últimos dias da existência.

«Próximo dos morros um primeiro suor frio quebra a indiferença que aquelas marchas de dias consecutivos põem no corpo e na alma da gente. A' beira do rio há restos de fogueiras, montões de cinzas brancas, pedaços de lenha meio carbonizada, ossos humanos, restos de comida mal digerida, intestinos apodrecidos...

«Ali era o pano de fundo duma tragedia de que foram autores (porque não dizê-lo?) os homens do Terreiro do Paço com a sua condicional neutralidade, e, actores aqueles portugueses que perderam a vida no combate e retirada de Naulila. Impressionado, comovido, com uma raiva e um ódio que me fazia mais selvagem e astuto que os negros caçadores do Ovampo, eu planeava a desforra, imaginava a vingança...

«Aproximamo-nos cautelosamente, por entre o mato espesso e alto, para não sermos apanhados, para não sermos vistos; cavalo à rédea e carabina pronta, fomos, pelo poente, até à base dos morros. Era possível lá em cima estivesse um posto alemão.

«Subimos, rasteiros, com dificuldade, desprendendo aqui um espinheiro que se nos prendeu ao uniforme, desviando-nos, contornando os ramos entrelaçados das árvores que nos cortam o caminho. Que sêde, que calor, que nervos! Eu suponho que as fêras quando se aproximam da presa, levam também assim o coração a bater...

«Nos morros havia apenas uns abrigos para observadores, disfarçados com pedras, e um caminho, marcado pelo corte dos ramos a pequenas árvores, que desce sinuoso para o vale. Em baixo sinais de acampamento, abrigos para ati-

radores e as malditas fogueiras... Do alto observo o horizonte. Só vejo um ou outro pastor conduzindo o seu gado ao Cunene, uma ou outra preta com o filho às costas e a cabaça da água sobre a cabeça. Naulila fica a 12 quilômetros.

«Subimos o rio, anciosos, atravessamo-lo no vau em frente de Naulila. O Manuel, o meu impedido, à minha retaguarda, ia dizendo, em voz surda: «Meu alferes, mais, mais fogueiras!...» Depois soubemos: Era um costume da região. Os brancos mortos na guerra tinham de ser queimados para não fazer feitiço ao preto. Não se podiam enterrar.»

¡Ah! ¡Naulila depois do combate! Dizer, descrever a Naulila das fogueiras em que há corpos mal carbonizados, túmulos violados, ruínas, a dôr de um massacre e a dôr de uma afronta que chora no próprio coração da Pátria!

Na estrada de areia que conduz ao forte distingo sulcos de carro, parece passaram há pouco ainda os soldados e os cavalos... ¿Porque impressionam tanto estas pegas? Perto do rio há um carro boer, abandonado, cheio de rolos de arame farpado, — adiante um outro, desmantelado, sem rodas... e por toda a parte carcassas, esqueletos de bois e de solípedes, esqueletos humanos, ossos carbonizados, equipamentos esfarrapados e as fogueiras, as macabras fogueiras!...

«Depois sobe-se uma pequena duna, o mato, que nos dava pelo peito, cessa, as árvores desaparecem, desembocamos na pequena clareira onde se erguia o posto.

Logo em frente, uma grande árvore caída estende os braços altos para a Dâmara. Pendem-lhe deles, mirrados e escuros, os corpos dos enforcados. Um esqueleto, quasi descarnado, separou-se da cabeça, caiu por terra. E a cabeça equilibra-se sobre a laçada, olhando de alto, sinistramente.

Dois pequenos cemitérios, de 3 metros de lado cada um, estão resguardados por arames farpados, têm, sobre as campas, invólucros de granadas. Dormem ali, talvez, os soldados da Alemanha. Adiante, duma trincheira removida, violada, que foi baluarte sob o ataque, emerge, ergue-se, a acusar como um grito calafriante, um braço descarnado... E sob o túmulo das larvas há pedaços de corpos apodrecidos em que as hienas e os corvos se banquetearam. Como no fresco de Oregna, no *Triunfo da Morte*, os cavalos estacam, estendendo o focinho, não querem avançar entre as carcassas... Ninguém fala. Anda-se em silêncio, por entre esqueletos, topando pequenas trincheiras, esboços de abrigos, equipamentos apodrecidos... Além vê-se ainda o sulco das rodas e o cavado do arpão duma peça ou metralhadora... «E a gente doi-se e estranha... ¿Como se combateu aqui? ¿Foram tropas europeias? Tudo em campo aberto, à maneira medieval!...»

No posto há duas paredes olhando, num espanto, desorbitadas... O resto é o que o preto não quiz levar, medicamentos, restos de ambulâncias, mochilas, cunhetes, pensos, tudo queimado, inútil. O ar é pútrido, aquele fosso exala um cheiro nauseabundo.

«O pobre soldado de Portugal cuja caveira me sorri terrivelmente de dentro da vala em que está envolta com restos doutros combatentes, só o conheço pelo jaleco de cotim a desfazer-se de pódre, desaparecido já onde as hienas esganharam e os corvos mergulharam o bico...

«Caminho ainda. Levo a alma opressa de comoção e revolta, de saudade e raiva... — Portugal está ali, em seu corpo ferido e abandonado, em seu calvário, esquecido daqueles, que lá em cima, longe, tão longe, nesta hora para mim de revolta, de piedade e de lágrimas, tem as vantagens da neutralidade...»

Uma trágica sombra cai sobre Naulila. O sol desce. O poente é de fogo e sangue. E dos recessos do mato, das ruínas pasmadas, dos destroços abandonados, dos insepultos cadáveres, de cada canto, de cada túmulo, de cada vala de podridão e abandono, como a sombra desce, erguem-se, lentas, pálidas esvoaçam, mal se levantam vozes... Dir-se ha que é na alma somente do espectador que sôam... Ou o Cunene, longe, nos rápidos que o crepúsculo aproxima...

Murmúrios, ciciar de reza, talvez um choro abafado além, soluços... E na sombra destacam-se, perfilam-se sombras... O murmúrio sobe, a aragem estremece na folhagem sombria, a noite crescente povoa a solidão de fantasmas... E não é o eco do combate sonoro, a agitação da luta, a febre heroica dos mártires batalhando... É uma queixa infinita que enche de amargura as almas transfiguradas, uma queixa infantil, cântico sem palavras quasi, modelado, musicado de dôr e abandono e saudade, aqui e além vibrando (um momento apenas, logo abranda e cala), no desespero do sacrifício inútil...

Dir-se ha que, de longe, de além das águas, das terras desvairadas ou esquecidas, atravessando os mares, vieram os próprios remorsos dos culpados, e andam no ar penando... E a mágua e os remorsos dos que não souberam dar, aos sacrificados, a alegria de além-morte — duma vitória que chamou por nós...

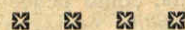
Noite... Já brilham estrelas... Uma claridade ficou, do crepúsculo rápido, no entanto... A clareira de Naulila é como uma pedra de ara. O céu alarga-se, por cima, como um diadema...

Caminho, lentamente, refaço os passos comovidos... Estaco... É o fosso de novo, a trincheira onde eles se bateram, que regaram de sangue e os não guarda, mortos, como a guardaram, vivos, eles, nas horas ardentes... E distingo de novo, sempre, aquele braço erguido ao alto, numa ameaça, ou como um grito, condenando!...

Coimbra, Olivais — Janeiro-Junho de 1922.

AUGUSTO CASIMIRO.

Do livro *Naulila*, a sair.



LUGARES SELECTOS

PORTUGUESE PROVERBS

- Mais vale un passaro va mao que obis a voar.
- Dize-me um quem lidas dir-te-hei as wanhas que tens.
- Patrao fora dra santo na loga.
- Na terra dos agos quem tem um ollu é rei.
- A palaiya i prata o silencio e' oivo.
- Esconegar é cair.
- A bom entendedor meia palavra casta.
- Se o céu caisse morriam todas as cotonas.
- A ociosidade é a niae de todos os orcios.
- Quem minto dorme ponca aprendo.
- A ocarias faz e ladres.
- Ajuas passa das não movem moinhos.
- Ralham ascomadres des cobrem re as verdades.
- Do Deus a firo conforme a roupa.

Ethel C. Hargrove, *Progressive Portugal* (1914), p. 124-128.